

## De ilegalidade a comunidade: Horta Associativa da Adroana

Teresa Ribeiro<sup>1</sup>, André Miguel<sup>1</sup>, Rui Peixoto<sup>1</sup>, Sara Torres<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Cascais Ambiente, Empresa Municipal de Ambiente de Cascais, Complexo Multiserviços, Estrada de Manique, 1830, Alcoitão, 2645-138 Alcabideche, Portugal, Teresa.Ribeiro@cascaisambiente.pt, Andre.Miguel@cascaisambiente.pt, Rui.Peixoto@cascaisambiente.pt

<sup>2</sup>Câmara Municipal de Cascais, Praça 5 de Outubro 1, 2750-310 Cascais, Portugal, sara.torres@cm-cascais.pt

### Resumo

Processo de reconversão de hortas espontâneas num bairro social, através da criação de um processo de participação, com a mobilização da comunidade local, e das equipas técnicas envolvidas na gestão do território. Construção participada pelos interessados e por um grupo de voluntários internacionais. Criação de uma nova comunidade de horticultores que fazem a gestão e manutenção de todo o espaço da horta, em modo de produção biológica.

**Palavras-chave:** Horta, participação, comunidade, voluntariado.

### Abstract

**From illegality to a community – Associative vegetable garden of Adroana.**

A way of converting illegal gardens in a social neighbourhood, through a process of participation, involving the local community and the experts' team in charge of urban management. The garden was built by the local population and a group of international volunteers. A new community of gardeners was formed, empowered to practice organic farming, and is now responsible for the global management of Adroana's vegetable garden.

**Keywords:** Vegetable garden, participation, community, volunteering.

### Introdução

#### Enquadramento histórico

O Bairro da Adroana foi construído no âmbito do Programa Especial de Realojamento (PER) em 2005. Neste bairro 143 habitações foram vendidas a custos controlados (52,6%) e os restantes 129 fogos são de arrendamento social (47,4%). A câmara municipal de Cascais teve a preocupação de incluir nestes prédios algumas lojas, não só para o comércio local, mas também para apoio social. Esta solução levou à instalação e um gabinete municipal da Divisão de Intervenção Social no bairro, que acompanha de perto esta população heterogénea. Grande parte dos moradores da Adroana é de origem africana (Guineenses, Cabo-verdianos e Senegaleses), alguns dos portugueses são também retornados de África.

Sentindo a necessidade de oferecer aos jovens um campo de jogos afastado dos prédios foi escolhido um terreno a nascente do bairro para o instalar. O programa das Hortas Comunitárias que a câmara tinha iniciado em 2009, estava em franco desenvolvimento e os residentes do bairro pediram a construção de uma horta comunitária. Nesse âmbito o projeto, seguiu o conceito funcional e a linguagem estética comuns às Hortas Comunitárias de Cascais e, desde setembro de 2013 o bairro da Adroana passou a ter uma Horta Comunitária e um campo de jogos. Esta horta comunitária (fig. 1), com talhões de 30m<sup>2</sup>, é uma das que tem maior sucesso no concelho, o abandono das parcelas é quase inexistente e o potencial produtivo da horta está amplamente explorado.

No entanto, a procura existente no bairro era muito superior à oferta desta horta com apenas 28 talhões. Uma vez que os terrenos em redor continuavam sem utilização, foram sendo ocupados com hortas espontâneas (fig. 2 e fig. 3), que proliferaram rapidamente.

#### Que tipo de solução?

Face à ocupação de terrenos com hortas espontâneas, procurou-se encontrar uma metodologia para a sua legalização, através da criação de regras próprias e do envolvimento ativo dos interessados. Reconhecendo as necessidades desta população o Presidente da câmara municipal deu indicações aos serviços para tentarem encontrar forma de viabilizar a existência destas hortas. Em novembro de 2015 o Gabinete de Intervenção Social começou a identificar as pessoas que estavam a cultivar os terrenos. No final do ano houve uma primeira reunião de trabalho com a Cascais Ambiente, empresa municipal que faz a gestão das Hortas de Cascais, para debater as hipóteses de “alargamento da Horta da Adroana”.

Percebeu-se que apenas com uma abordagem diferente seria possível viabilizar uma horta num terreno municipal já parcialmente ocupado e com uma área muito extensa (cerca de 5000 m<sup>2</sup>).

Propôs-se a criação de uma Horta Associativa, num modelo em que os horticultores fossem protagonistas do processo, numa dinâmica coletiva em que a responsabilidade da construção e da gestão do terreno fossem partilhadas pela comunidade local e pela câmara municipal. A situação seria formalizada por um acordo de utilização do terreno municipal, em que é definido o prazo de vigência e a associação assume os seus direitos e deveres, à semelhança de um contrato de arrendamento rural.

O regulamento das Hortas de Cascais foi revisto passando a incluir também as Hortas Associativas, dando enquadramento a todo este processo.

Uma vez que a maior parte do terreno ocupada com as hortas tinha sido cedido à câmara para a instalação de equipamento no âmbito do alvará de loteamento, fundamentou-se a Horta Associativa como um equipamento social para apoio à população.

#### **Metodologia**

A participação dos moradores da Adroana foi conseguida através do envolvimento do Gabinete de Intervenção Social que mobilizou a população para uma primeira reunião de esclarecimento no dia 31 de janeiro de 2016. Nesta reunião apresentaram-se as condições técnicas para a “legalização” das Hortas espontâneas, com a proposta da criação de uma associação que englobasse os interessados que deveriam comprometer-se a:

- colaborar na construção da horta;
- frequentar uma ação de formação em horticultura biológica;
- assumir a responsabilidade da gestão do espaço.

A participação na reunião foi massiva, os moradores expuseram as suas dúvidas. Concluiu-se que havia sete casos de pessoas com talhões na horta comunitária e fora desta, a maioria dos que cultivavam as hortas espontâneas estavam presentes mas faltava ainda identificar várias pessoas que tinham culturas fora da horta comunitária, outras dezoito candidataram-se logo à horta associativa.

A experiência da Divisão de Intervenção Social no terreno permitiu implementar um processo participado, em que os moradores tiveram um canal permanente de comunicação com a autarquia. No gabinete criou-se uma lista de inscrição, esclareceram-se dúvidas individualmente e, gradualmente, foi-se sentindo que a confiança e proximidade que os técnicos mantinham com a comunidade, capitalizavam a transparência deste processo. Esta equipa conhecendo a população local, conseguiu mediar o processo e

eliminar conflitos, numa relação de confiança entre os candidatos e os técnicos, que foi sustentando as opções ao longo do trabalho.

Foi possível visitar o terreno com um grupo de pessoas que o cultivava, identificando-se todos os horticultores. Apercebemo-nos da diversidade de formas de ocupação do espaço e do esforço que havia sido feito nesse sentido, com a despedrega do terreno tinham construído muretes de pedra solta a delimitar as suas parcelas, numa réplica da paisagem tradicional das áreas costeiras e ventosas. Esta informação foi cartografada sobre o ortofotomapa (fig.4), as áreas foram medidas e as diferenças tornaram-se ainda mais evidentes. Desde casos de talhões com mais 200 m<sup>2</sup>, a famílias que cultivavam dois e três pedaços de terra dispersos, outros estendiam as culturas para fora do terreno municipal, etc.

Na reunião seguinte os participantes foram divididos em pequenos grupos acompanhados pelos técnicos que esclareceram as questões e tomaram nota das pretensões de cada um. Esta técnica facilitou o diálogo, venceu barreiras linguísticas, eliminou o fator timidez e equilibrou a participação. Percebeu-se que as motivações eram distintas: em vários casos as pessoas procuravam forma de sustentar a família, precisavam de áreas de terreno relativamente grandes, noutros casos apenas procuravam um talhão de pequenas dimensões porque não tinham tido vaga na horta comunitária.

Após a marcação física dos limites do terreno municipal, havia necessidade de remover hortas situadas fora deste perímetro. Esta foi uma condição obrigatória para os candidatos à Horta Associativa, tal como a opção entre a Horta comunitária e a nova horta Associativa. A necessidade de chegar a uma solução de compromisso levou a uma tomada de consciência em que o respeito mútuo, a igualdade de direitos entre todos os interessados neste processo, foram essenciais para garantir a confiança entre todos. Só assim foi possível gerar um ambiente colaborativo, em que todos se comprometeram na procura de uma solução equitativa e na gestão conjunta do "espaço horta".

Utilizaram-se técnicas de representação física das parcelas de cultivo sobre suportes de papel, com o terreno à escala, para que todos pudessem compreender a complexidade da instalação dos talhões da Horta, repartindo o terreno de modo a satisfazer os interesses de todos.

Os canais de diálogo estavam abertos e foi possível chegar a acordo sobre a demolição de todas as pré-existências, para se conseguir uma distribuição de parcelas justa para todos. Esta situação foi bem acolhida pelos candidatos na expectativa de melhores condições a curto prazo, no fundo tratou-se de um gesto de confiança mútua. A destruição das culturas terá certamente prejudicado algumas famílias, mas aperceberam-se que futuramente seriam compensados.

A 7 de maio, apresentou-se o projeto da Horta e a estrutura da associação, duas semanas mais tarde o projeto estava revisto, incluindo os últimos ajustes, e os estatutos da associação foram aprovados por todos (fig. 5).

#### Construção da horta associativa

O projeto foi pensado para ser executado em autoconstrução pelos horticultores e por um grupo de voluntários promovido pela Associação Juvenil Rota Jovem, que entre outros projetos, há seis anos organiza grupos de voluntários internacionais para trabalhar no concelho de Cascais. Neste caso os voluntários inscreveram-se no *Workcamp* "Back to Green", que iria colaborar na construção da Horta da Adroana em Julho.

Para a execução da obra, procedeu-se em três etapas:

- empreitada formal para as demolições, despedrega, instalação de torneiras, modelação, fornecimento de terra vegetal e vedação do terreno;
- *workcamp* "Back to Green", trabalhos de implantação dos caminhos e das parcelas, montagem de mobiliário e madeira;

- horticultores com a divisão das parcelas, construção dos caminhos e plantação da envolvente.

## Resultados

Em finais de junho a primeira fase da obra estava concluída e no início de julho chegaram os 18 voluntários (de 13 nacionalidades) acompanhados por 3 monitores, para trabalhar (fig. 6). Curiosamente nenhum deles tinha conhecimentos sobre construção ou carpintaria, o que aumentou o nível do desafio. A estrutura do projeto incluiu além das parcelas de cultivo uma zona de estar, para convívio com mesas de merendas e uma pérgula que foram oferecidas pela Rota Jovem. Os voluntários foram diretamente apoiados pela projetista para a marcação das parcelas no terreno e por um grupo de horticultores que se dedicou aos trabalhos com betão e ajudou nas diversas tarefas de construção.

Na organização interna da horta os talhões foram divididos em quatro grupos, cada um dos quais tem um coordenador e ao qual corresponde um abrigo de ferramentas e 4 compostores que foram decorados com as cores que os identificam (fig. 7).

A 9 de julho fez-se a atribuição das parcelas para que cada agregado familiar além de ajudar os voluntários, começasse a delimitar a sua parcela. Os 45 talhões desta horta foram distribuídos por 21 mulheres, 16 homens e 7 casais e a uma associação local, de ocupação de tempos livres de jovens.

A apreciação dos jovens voluntários foi bastante favorável, sentiram o seu contributo como muito útil para a comunidade da Adroana, que generosamente partilhou com eles uma festa de despedida no final dos trabalhos. A recordação deixada pelo *workcamp* foi a decoração duma parede de um abrigo, com a pintura de todas as bandeiras dos seus países de origem, em redor do logotipo da Rota Jovem.

Tinha ficado assente nas 8 reuniões formais com os candidatos que só após a delimitação das parcelas e a formação em horticultura biológica, iriam poder começar a cultivar a terra.

Os horários da formação foram ajustados à disponibilidade dos candidatos, em horário laboral, pós-laboral ou de fim-de-semana, decorreram as 12 horas de formação gratuita, que terminou no início de agosto.

Em 24 de setembro fez-se a inauguração oficial da Horta Associativa da Adroana, (fig. 8) que já estava a funcionar em pleno.

## Conclusões

As Hortas comunitárias desenvolvem um papel social, pelo convívio e partilha a que obrigam os horticultores, levando vizinhos e desconhecidos à socialização, em torno do objetivo comum de explorar uma horta.

Neste caso estes aspetos foram reforçados na Horta Associativa da Adroana, onde se criou uma nova comunidade de 45 famílias, com a responsabilidade de gerir um espaço comum, devidamente capacitada e consciente da partilha de bens. A formalização do processo passou por um acordo de utilização do terreno para a exploração da Horta, cuja responsabilidade é da associação “Horta da Adroana“, que durante um prazo de 5 anos, renováveis, responde perante a câmara e os seus representantes no terreno.

De uma população heterogénea cujo relacionamento à partida não parecia fácil, surgiu uma associação que exerce uma cidadania ativa e que tem impacto na comunidade local. Os benefícios para o município são muitos, o terreno anteriormente abandonado transformou-se num espaço requalificado, parte de uma paisagem produtiva que contribui para a sustentabilidade de um território que é de todos e que é estimado por todos.



Figura 1 – Horta Comunitária da Adroana, Cascais.



Figura 2 – Aspeto do terreno ocupado visto de norte para sul, Adroana, Cascais.



Figura 3 – Hortas espontâneas a sul do campo de jogos, Adroana, Cascais.





Figura 4 – Identificação da Horta Associativa da Adroana, Cascais, sobre o ortofotomapa.



Figura 5 – Sessão de votação dos estatutos da Associação da Horta da Adroana, Cascais.



Figura 6 – Trabalho dos voluntários na Horta Associativa da Adroana, Cascais.



Figura 7 - Plano Geral da Horta Associativa da Adroana, Cascais.



Figura 8 - Cerimónia de inauguração da Horta Associativa da Adroana, Cascais.



Figura 9 - Abrigo da Horta Associativa da Adroana, Cascais, decorado pelos voluntários.